

Armindo Mesquita

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) – Portugal

O pensamento poético de Pascoaes – *Marânus*: 3^a cosmogonia

Resumo

Por ser, acima de tudo, pensamento, a poesia pascoaeseana é profunda e de difícil acesso, onde se harmonizam o paganismo e o cristianismo num humanismo transcendente, impregnado de panteísmo naturalista, fazendo de Pascoaes um dos maiores poetas da língua portuguesa

Em termos místicos, *Marânus* é a cosmificação de um novo universo, mas de origem portuguesa, ao contrário das primeira e segunda cosmogonias de procedência hebraica e romana.

Palavras-chave: cosmogonia, criação, Marão, montanha, natureza.

The Poetic Thought of Pascoaes – *Marânus*: 3rd cosmogony

Abstract

Being, above all, thought, the pascoaesean poetry is deep and hard to access, where paganism and Christianity are in harmony in a transcendent humanism, impregnated of naturalistic pantheism, making Pascoaes one of the greatest poets of the Portuguese language.

In mystical terms, *Marânus* is the cosmification of a new universe, this time from Portuguese origin, as opposed to the first and second cosmogonies from Hebrew and roman origins.

Keywords: cosmogony, creation, Marão, mountain, nature.

E Marânus exclama: "Eu te bendigo,
Virgem da minha terra consagrada!
Enquanto eu existir, seja comigo
Teu dolorido encanto misterioso!"
TEIXEIRA DE PASCOAES, *Marânus*

Partindo das afirmações de António Cândido Franco (1992: 40, 41, 50) em que a história de *Marânus* «repete a história da criação do mundo, do homem e até da criação de Deus», deduziremos que *Marânus*, em termos místicos, será uma cosmificação de um novo universo, isto é, uma terceira criação do mundo, mas de origem portuguesa, ao contrário da primeira e da segunda cosmogonias de procedência hebraica e romana respectivamente.

1. Processo de criação cósmica

«Tudo quanto existe / É criação da eterna Divindade» (PASCOAES 1990a:116). Estes dois versos vão de encontro ao ensinamento da Bíblia, afirmando que tudo foi criado por Deus. Pois, logo no primeiro capítulo do *Génesis*, a Bíblia diz que Deus criou o mundo perfeito, colocando o homem e a mulher no centro da criação para que cuidassem dela. O mundo, tal como Deus o originara, era um lugar agradável, sobretudo porque Adão e Eva gozavam de uma relação aberta e espontânea com Deus.

No entanto, a perfeição inicial do mundo desapareceu, uma vez que o primeiro casal humano preferiu desobedecer a Deus, originando a perpetuação do pecado original.

Nesta perspectiva, toda esta criação, ou seja, a primeira cosmogonia é uma *criação-dor*, caracterizada pela fragilidade da condição humana. Aliás, o sofrimento, a dor e a amargura são o destino do homem.

Assim, a *criação-dor* precisa de ser redimida, salva. Por isso, já S. Paulo, na *Epístola aos Colossenses*, falava de uma renovação, isto é, de uma "nova criação" que avançasse no sentido do caminho da perfeição espiritual.

Na teologia católica, Jesus veio ao mundo por meio da Virgem Maria, Sua mãe, e por graça do Espírito Santo. Na pena de Pascoaes, Maria é a *dolorosa Mãe* que traz o filho, Jesus, ao peito. Ele é o *novo Eleito* desta segunda criação do mundo onde ainda persiste a dor do sofrimento, herdada da velha criação, corrompida pelo pecado original e pela morte:

Mas como interpretar a vinda de Jesus, o *filho da segunda cosmogonia*?

O advento, operado por Cristo, teve como finalidade a expiação da humanidade pecadora. O Filho de Deus sofreu humilhações, desde o nascimento até à morte na cruz, para

libertar o Homem do domínio do pecado original. Esta (con)descendência divina de Jesus enche de admiração a alma do Poeta.

A Redenção é um acto de amor e de justiça. De amor para com o Pai Celeste e para com a humanidade que é restaurada na amizade divina. De justiça, enquanto Verbo Encarnado, oferecendo-Se ao Pai Eterno, apresenta sacrifício de valor imenso para reparar a ofensa feita pelo homem à infinita Majestade.

Jesus, fruto de uma nova cosmogonia, era misericordioso, levando à concepção e à realização do plano sublime do resgate da humanidade. A esta obra admirável presidiu o amor pelo qual foram remidos os filhos de Adão, por isso, sofreu para salvar a humanidade pecadora: rezava para consegui-lo e exercitava a prática do bem, pois, em mística oração, ensinou aos homens a piedade e o perdão.

Ao contrário da primeira cosmogonia, Cristo é o soberano de um reino que se impõe, não pela força “autoritária”, mas sim pela força do amor justo. Por isso, o Homem é aconselhado a ser

a Bondade consciente
A Justiça e o Amor, com olhos e razão,
Para que o mundo alcance a Paz eternamente
E seja Paraíso eterno a Criação!...
(PASCOAES s/d b: 109)

Por ser «de origem carnal, mortal e humana, / Mas de eterna e perfeita natureza» (PASCOAES 1990a:117) e apesar de ser o *cérebro* da segunda criação, há, em Jesus, natureza humana que não prejudica a existência da natureza divina, uma vez que Jesus lastimou, compassivamente, a sua triste sina «E chorou, hesitando, humanamente, / Com o pesado cálix da amargura» (PASCOAES 1990a:90), lamentando o Seu penoso fado pergunta ao Pai Celeste, porque O desprezou?

Nesta óptica, a encarnação de Cristo simboliza a humanização de Deus, isto é, a figura da divindade no mundo, porque se Jesus é “Deus é como o Homem”.

Pela morte e ressurreição de Jesus, Deus enalteceu a vitória total sobre o pecado e sobre a morte, autenticando toda a obra da Redenção, tornando possível que os homens recebessem o perdão e participassem na vida da nova criação.

Não obstante todo sacrifício de Jesus, a dor da imperfeição ainda permanece, como se pode apreender das palavras de Marânus dirigidas a Dom Quixote: «Eu sei da tua dor, ó Cavaleiro! / A dor da Perfeição que imaginaste!» (PASCOAES 1990a:90).

Se Marânus vivia num mundo que «nascera perfeito, eterno e vivo, / De sua miseranda imperfeição» (PASCOAES 1990a:145), isto significa que as cosmogonias anteriores ainda continham deformidades, havendo necessidade desta terceira para corrigir «as imperfeições

da segunda, tal como a segunda já tinha aperfeiçoado certas imperfeições da primeira» (FRANCO 1992:50).

Assim, segundo o Poeta maronês, esta perfeição não conseguida só poderá ser sanada pela chegada do novo Deus menino, o Redentor, que virá «transfigurar o génio deste Povo» (PASCOAES 1990a:105), tendo como missão preparar a humanidade para uma época de abundância e de paz, uma fraternidade nova entre os homens. Este *Messias* é «um Deus tão novo e tão menino quanto o é o novo mundo espiritual que se esboça» (SÁ 1992:165), daí a necessidade de uma renovação, pois, somente o que nasce novo pode ter novo começo.

Esta mudança fundamental faz-se aquando do nascimento do novo Deus que, à semelhança de Cristo verdadeiro, veio ao mundo de noite e numa montanha sagrada. Tal como Jesus, este novo salvador nascerá do ventre de uma virgem, a Saudade, como diz Marânus:

Quem diria
Que essa vaga mulher que te acompanha
Traz no bendito ventre um novo Deus!
Teu novo redentor, sagrado filho
Desta sacra paisagem, destes céus,
Onde os anjos são árvores e nuvens...
(PASCOAES 1990a : 118)

O que há de comum entre Maria e a Saudade, as mães da segunda e da terceira cosmogonias respectivamente, é o facto de ambas terem concebido virgens. Apesar desta semelhança também existem diferenças substanciais entre as duas: Maria é «vítima de uma vontade sobrenatural, enquanto que a Saudade é um produto ou criação de uma vontade exclusivamente humana» (Franco 1992:39).

Toda e qualquer nascença se efectua a partir de um germe que determina a natureza do ente gerado. Para nascer miraculosamente, o ser deve receber, em si, um princípio de vida vindo *do alto*, de Deus. Assim, a nova vida é dada pelo poder do Espírito Santo que, por ser uma divindade, concede a esse novo rebento um dom divino, actuando na criação de um novo mundo espiritual:

É a Natureza, sim, no seu perpétuo
Desdobramento anímico e profundo,
Criando um novo céu, além do céu,
Criando um novo mundo, além do mundo.
(PASCOAES 1990a:30)

Nesta perspectiva, a montanha, particularmente a serra do Marão, por ser o «legendário monte que é divino, / De onde tudo avistamos» (PASCOAES 1990a:149), é o cenário de eleição de Pascoaes, lugar onde se cruzam o bucolismo idílico do Minho com a rudeza de Trás-os-Montes numa paisagem original que é o próprio busto panteísta do génio

lusíada. É desta magnífica panorâmica, destes outeiros agrestes, marcadamente transmontanos, que, sendo um espaço de culto, fazem desta atmosfera maronesa, simultaneamente real e mítica. Pois, é no mais alto píncaro da serra do Marão, o ponto mais alto de Trás-os-Montes, mais concretamente na ermida da Senhora da Serra, que Marânus e a Saudade se encontram e onde nascerá o futuro Deus menino, fruto desta paisagem.

Cada país, e Pascoaes não exceptuou Portugal, tem a sua montanha sagrada onde o mundo foi ou será criado. Sob este ângulo, a montanha é o lugar privilegiado da revelação por excelência, isto é, da profecia.

Assim, o Marão, *Olimpo português*, transfigura-se em transMarão, tornando-se «uma estátua cósmica de terra» (PASCOAES 1990a:70).

O autor de *Regresso ao Paraíso* pretende criar um novo Portugal que seria o lugar eleito desta nova idade, que abriria consigo um novo ciclo da história da humanidade, um ciclo que parece repor a perdida idade do ouro. Para o nosso Poeta só há uma via e esta passa pela Saudade que tem uma estrutura própria: é um sentimento que se fecunda na razão a qual se fundamenta na emoção. A Saudade é um corpo multitudinário que permite engendrar uma unidade divina, assumindo os contrários.

Assim, a Saudade é uma criação, por isso, é possível apertar, cada vez mais, o modo como foi efectuada esta criação da nova humanidade em *Marânus*. Pois, existe um paralelismo admirável entre as três criações. No princípio, Deus fizera de Adão o chefe da sua raça; depois, o Filho de Deus, feito homem, entrou na história como o novo Adão. Nesta terceira criação, o homem, (re)criado interiormente, aspira a libertar-se de todo o mal para atingir plenamente o bem, porque o reino espiritual é o mais perfeito.

1.1. Figuras

As principais figuras desta cosmogonia são análogas, em certos aspectos, à *Sagrada Família*. São três¹, que é o número da Santíssima Trindade; é o número dos três reinos; no fundo, é o número da síntese espiritual.

Uma destas figuras é Marânus, um “ser perfeito e livre, isento e virgem”, o ente que vagueava, solitário, pelo mundo. Por isso, ele ia andando neste encanto da paisagem que «paira, magoado, sobre as cousas, / Onde, em silêncio, jaz divino canto...» (Pascoaes 1990a:5), quando lhe surgiu, sob forma de “Figura”, outra imagem cósmica:

E, atónito e surpreso, olhava, olhava
Aquela milagrosa aparição,
Que, em brumas transcendentais, disfarçava

¹ Como iremos ver: Marânus, Eleonor/Saudade e Deus Menino.

Seu angélico rosto de mulher.
(PASCOAES 1990a:6)

Eleonor, essa *Deusa, imagem do sonho e do mistério*, aparece-lhe, pela segunda vez, na *sagrada montanha* da serra do Marão e, de repente, desdobra-se, na mente de Marânus, um mundo de evocações que a imagem da deusa sugere.

Esta deusa, que se lhe afigurou distinguir na paisagem da montanha sagrada, agora transformada em Saudade, não passa, inicialmente, de uma simples visão onírica, porque aquele vulto «perdia-se no Invisível, / Deixando, na verdura da paisagem, / Rastos de luz, pegadas de luar» (PASCOAES 1990a:27). Assim, a sua imagem, na origem, é puramente aparente, mera criação imaginosa, mas depois vai-se clarificando, tornando-se mais real.

Neste momento, já quanto foi emprestado à imagem adquiriu a integridade de uma perfeita encarnação, a figura tomou corpo e alma inteiros, é criação concretizada, individualizada plenamente, independente em absoluto, distinta de todas; e daqui em diante, a Saudade não se confundirá com ninguém, como ela própria afirma:

É por ti
Que a minha voz, na solidão murmura.
Por ti ao mundo trágico descí
E vaga, através dele, o meu espectro.
Sempre serei contigo. E nos teus sonhos,
Serei mais clara ainda, mais presente.
(PASCOAES 1990a :65)

Para atingir este resultado, Marânus, sem perder certamente a consciência do que de grande se passava em si, operou um verdadeiro trabalho de reconstituição. Pela sua mente, na ocasião em que a Saudade lhe aparecera na serra, passou o resto da vida preso à sua própria existência.

Agora, duas das principais figuras já podem ser vistas em toda a sua estrutura, agitando-se, movendo-se em direcção ao seu romance amoroso. Por isso, não admira que Marânus se tenha apaixonado, perdidamente, por Saudade, paixão esta, apenas, testemunhada pela paisagem maronesa. Assim, a Saudade torna-se complemento espiritual do seu ser.

Sendo ambos frequentadores e residentes naquela acolhedora montanha sagrada, esta louca paixão fez com Marânus desposasse, misticamente, uma virgem chamada Saudade, pondo-se, ambos, a caminho da Ermida da Senhora da Serra (onde ficariam a viver), situada no alto do Marão que, por estar mais próximo do céu, é o lugar espiritual por excelência.

A partir desta união mística, surge a natureza a colaborar na preparação para a criação de um novo reino espiritual que será mais perfeito.

No entanto, para que a preparação desta criação cósmica se concretizasse, o casal Marânus/Saudade deveria ter um “rebento” que viesse abrir as portas da perfeição aos homens desta cosmogonia e mostrar-lhes o caminho que lá conduz, por isso, Saudade diz a Marânus:

Eu sou a tua Virgem. No meu ventre,
Cresce o nosso menino, que virá
Transfigurar o génio deste Povo,
E estes campos incultos lavrará...
(PASCOAES 1990a:105)

Portanto, Marânus não passa de um S. José do novo mito, pai espiritual da criança que vai nascer.

Ao ser o pai espiritual deste novo mundo, Marânus é o *criador humano*, é um novo Adão e, por consequência, a Saudade é uma nova Eva, os progenitores desta cosmogonia, repetindo a história da criação da primeira cosmogonia, tanto do mundo, como do homem.

Desta aliança espiritual de Marânus com a Saudade nasceu o tão desejado Redentor desta cosmogonia que, com os olhos abertos, «Recebia do mundo a clara imagem / E o seu nubloso e misterioso encanto...» (PASCOAES 1990a:135).

Marânus torna-se, deste modo, um novo S. José, protector da nova crença cujo objectivo é zelar pelo sagrado corpo daquela virgem onde desabrocha a «glória do meu Povo e o seu futuro, / Uma nova esperança, que é divina» (PASCOAES 1990a:93).

À medida que este novo Deus crescia, o mundo torna-se cada vez mais perfeito e mais apazível, porque as coisas se animavam de um sentido mais belo e verdadeiro.

A união de Marânus com a Saudade forma o primeiro núcleo humano, ou seja, a primeira Família desta terceira cosmogonia. Facto a que Teixeira de Pascoaes deu muita importância por esta formar uma pequena Pátria, tendo «a sua alma, a sua personalidade própria, a sua raça» (PASCOAES 1990b:37). Nesta perspectiva Família, Pátria, Humanidade representam seres espirituais, cada vez mais complexos, que findam no supremo ser espiritual: Deus. Por isso, o Poeta amarantino reforça a sua ideia ao afirmar que «o culto da Família e da Pátria estão contidos no nosso Cristianismo. A imagem divina da Família e a imagem divina da Pátria podem subir ao altar dos nossos Templos» (PASCOAES 1990b:41).

1.2. Momentos

Os momentos são, como as figuras, grandes testemunhos vivos da força inspirativa, contida na poesia de índole espiritual.

Em *Marânus*, há momentos dominantes² que, semelhantes, em muitos aspectos, ao nascimento de Cristo, vão proporcionar uma enorme densidade narrativa ao poema.

Um desses momentos é a “anunciação” que consiste na transmissão da mensagem de Eleonor, essência do amor, tão alta e inacessível, a Marânus para lhe anunciar que ela é a Saudade, a sua guia espiritual e para lhe revelar um segredo:

Eu sou a tua eleita, a Virgem pura.
E vim rasgar as névoas, desvendar
Esse antigo segredo da Natura
E o sagrado mistério da tua raça.
(PASCOAES 1990a:8)

A Saudade apresenta-se sob uma forma humana³ para executar a sua mensagem, reconhecendo prerrogativas excepcionais em Marânus, tais como a perfeição e a pureza, próprias de um “ser perfeito e livre, isento e virgem”.

Eleonor, deusa mensageira encarnada em Saudade, vem, de uma maneira muito especial, pedir a colaboração de Marânus para a concretização do grande mistério, que será a revelação final da nova concepção da divindade.

Enfim, Marânus é elevado acima de todas as criaturas pelos seus gloriosos privilégios. A Saudade revela-lhe a dignidade à qual ele é chamado por um resumo rápido das principais profecias messiânicas.

A Saudade, virgem nova da recente e espiritual fecundidade, familiarizada com as profecias, compreendeu bem que Marânus era o *Pai Espiritual* do novo Deus menino, o Redentor desta raça e que ela teve a honra de ser chamada para ser sua mãe.

Assim, na história desta terceira criação cósmica, a anunciação é o acontecimento maior e mais decisivo, é um mistério de fé e de cultura, porque Marânus é filho mental de figuras e de sistemas do Ocidente, e do meio ambiente intelectualizado. Onde é possível, penetra-se a paisagem do Marão e encontra-se os antigos deuses, Cristo, Apolo e Dom Quixote. Na criação da Saudade entra a fé, entra a cultura.

A fé suplicante da Saudade prepara a Encarnação do Verbo, ou seja, do novo Deus menino.

Qual é, nesta criação, o local escolhido para que se realize o "mistério supremo"?

É, no alto da serra do Marão⁴, escada que conduz à ascensão espiritual, que Portugal se purifica «numa erma penitência de silêncio, erguendo para os astros a extática fronte nublosa,

² Anunciação, Pastores, Boa Nova, Nascimento e Revelação Final.

³ «Aquele milagrosa aparição, / Que, em brumas transcendentais, disfarçava / Seu angélico rosto de mulher» (PASCOAES 1990a:6)

⁴ «Seu acesso sendo difícil, porque processando-se num outro mundo, que não este [...] e ainda também num mundo para além do âmbito da literatura e suas alegorias, estas ainda como formas racionalizantes, será somente apreensível e conhecido pela força da imaginação» (COSTA 1980: 35).

a alma do homem é influenciada apenas pela paisagem, de si própria se alimenta e a sua figura solitária é dum alto relevo inconfundível» (PASCOAES 1988: 165). Por outras palavras, a isolada capelita do alto da serra será o *centro espiritual* do universo:

Ó terra santa!
Ó terra já divina e toda erguida
Àquela altura ideal da Eternidade,
Mais uma vez a morte foi vencida!
(PASCOAES 1990a:136)

Era Inverno. Nesta região, apesar de muito rigoroso, o Inverno não é a morte da natureza; árvores sempre verdes alegram a paisagem, e os pastores conversam, alegremente, em volta da fraternal fogueira na “concordia cristã do lume vivo”.

É então que o pastor-bruxo encontra Marânus. Este transmite-lhe uma mensagem, dizendo-lhe para esperar que «uma estrela apareça no levante [...] E, na sombra da infinda Imensidade, / Há-de voar, voar, até pousar, / Toda candura, altura e claridade, / Sobre o berço do Deus recém-nascido» (PASCOAES 1990a:119).

O pastor-bruxo corre apressadamente a anunciar, com grande alegria, aos colegas, a boa nova (que o será para todo o mundo), isto é, o nascimento do novo Messias que vem salvar a Raça:

Sede os primeiros
A ouvir a boa nova, meus amigos!
[...]
Está para chegar o nosso Deus,
O nosso Deus, gerado em nossas almas!
Filho da nossa terra e pai dos céus,
Filho do nosso amor e nosso pai!

Oh, vinde celebrar nesta montanha
A doce antemanhã maravilhosa
Que nova estrela tem, nos alvos seios!
Mímo de luz, candura luminosa,
Encanto resplendente e anunciador
Do novo Deus, que a Virgem da Saudade
Concebera, abrasada em santo amor,
Para salvar os povos e as paisagens...
(PASCOAES 1990a: 122-124)

O pastor-bruxo não pára de espalhar a boa nova. Depois dos pastores é a vez da paisagem circundante ouvir o anúncio desta mensagem. Desta maneira, tudo ficou a saber a novidade: «a lua, as árvores, os pastores, / Os rebanhos e os montes» (PASCOAES 1990a: 125).

É, enquanto um profundo silêncio envolvia todas as coisas e a noite dormia calmamente, que teve lugar o nascimento do Deus menino. Assim, com o nascimento, estamos perante ao culminar de todo este ciclo cosmogónico.

Informados por uma estrela, foram os pastores, seres declaradamente esotéricos, que tiveram a honra de ser os primeiros a prestar homenagem ao novo Deus menino, que nascera na capela situada no cume da serra do Marão:

Aí vem a estrela! Aí vem, sobre a montanha,
Rompendo a sombra etérea do crepúsculo!
A paisagem tornou-se mais estranha,
Mais cheia de silêncio e de mistério!
(PASCOAES 1990a:133)

Os pastores entenderam a *Gloria excelsis*, adoraram o Deus menino que estava deitado numa manjedoura, envolto numa pobreza total, por isso, as grandes vacas mansas, com seu hálito, aqueciam as palhas de Belém.

Ainda nos braços de sua mãe, este novo Deus menino já observava, com olhos de ver, o mundo envolvente com um olhar que não corresponde apenas à simples percepção visual, mas que simboliza todos os modos de apreensão sensível da realidade. Logo, o olhar representa a procura incessante do conhecimento possível, por isso, o Deus menino recebia do mundo a «clara imagem / E o seu nubloso e misterioso encanto...» (PASCOAES 1990a:135).

Eis-nos, enfim, chegados ao último e desejado momento: a revelação final que é dada na véspera da morte de Marânus, quando se dirige a Eleonor, questionando-a: «Porque foges de mim, ó Divindade, / Quando me foge a vida?» (PASCOAES 1990a:147). Assim, com a morte, Marânus liberta-se, ascende à eternidade da vida pura, da vida do além, divinizando-se: «E na imagem sagrada de Eleonor / Sua presença humana se perdia» (PASCOAES 1990a:148). É uma maneira de formular o encontro com a Presença que se esconde para lá da vida corporal e a que a morte dá acesso. Tudo que é efêmero desaparece, só a saudade, isto é, o espírito permanece:

Pois tudo, tudo há-de passar, enfim,
O homem, o próprio mundo passará,
Mas a Saudade é irmã da Eternidade.
(PASCOAES 1990a:153)

À pergunta formulada por Marânus, responde Eleonor, revelando-lhe o segredo há muito prometido, que mais não é do que a união dos dois espíritos, o de Marânus e o de Eleonor:

Ei-lo chegado, enfim, o grande instante
Da suprema e final revelação.
Não mais me encontrarás, pois, doravante,
Serás meu próprio espírito amoroso.
Por isso não me vês, e em ti me vejo.
Somos o mesmo ser... Em mim, existe
O teu passado e o teu porvir...
(PASCOAES 1990a:147-148)

Pela morte, Marânus mostra que a Saudade, em toda a sua extensão poética nacional, é um ser espiritualizado pela dor, sua e do povo português, assumindo, ao mesmo tempo, uma dimensão sagrada e salvadora: «És a Virgem cristã da minha terra/ Deusa eterna e redentora» (Pascoaes 1990a:58).

Quando a Saudade volta a percorrer o seu lugar de origem a que pertence, o seu “legendário” Marão, encontra a sombra de Marânus, seu *esposo amado*, que, com ela, viverá romântica e eternamente, na sua cosmogonia espiritual. Nesta perspectiva, a revelação final é «a inversão de um facto já nosso conhecido: o de Eleonor existir na vida de Marânus como saudade, ou seja, como espírito. Tal inversão traduzir-se-á do seguinte modo: Marânus passa depois da morte a existir como Eleonor» (FRANCO 1992:43).

2. Marânus: mensageiro celeste

Como já disséramos, pelo facto de a segunda criação cósmica ainda conter lastimáveis imperfeições, a graça divina estava-lhe vedada. No entanto, como tudo obedece ao Criador, Deus apiedou-se e prometeu enviar um *Redentor* que será o filho espiritual de Marânus e da Virgem da Saudade.

Este Messias há-de resgatar a humanidade dos defeitos ainda existentes, porque este novo Deus será um ser perfeito, como se poderá constatar pelas seguintes palavras da Saudade, dirigidas a Marânus:

Eu bem conheço a voz que te chamou!
Voz que ilumina as árvores e as nuvens,
E que meu ser antigo transformou
Neste meu ser anímico e perfeito.
(PASCOAES 1990a:136)

Nesta perspectiva, Marânus será o novo Adão, o enviado divino, o mensageiro celeste que recebeu a missão de preparar a terra para o Nascimento do novo Deus, por isso,

sentia-se, agora, tão estranho
E tão outro, em seu íntimo viver,
Como se novamente, acaso, houvesse
Nascido.
(PASCOAES 1990a:48)

Sendo o intérprete de Deus, o mensageiro celeste é um ser divinizado que, apesar de humano, compreende a aflição divina, causada pela imperfeição cosmogónica. Assim, Marânus mostra-se totalmente disponível para ajudar o Pai Celestial, pois, como ele próprio diz:

Tenho no coração toda a paisagem
Que desta grande serra se descobre.

[...]
Sou criatura humana, mas entendo
O desespero trágico de Deus.
(PASCOAES 1990a:92)

Por ter escolhido Marânus para preceder, de tão perto, àquele que há-de vir salvar a Raça do povo português, Deus pretende que este mensageiro seja tão grande quanto o é a sua árdua e difícil missão de fazer produzir embriões espirituais na terra.

Desta maneira, Marânus, por ser um profeta, sentia-se mais alegre, porque consegue ouvir o «cântico remoto, mais distinto, / Das aves que ainda estão para nascer» (PASCOAES 1990a:112). Por conseguinte, em Marânus fala uma «voz que ultrapassa a da sabedoria pessoal do Poeta; ele aqui é o mensageiro da sabedoria ancestral do povo deste seu território galaico-português» (COSTA 1980:43).

O mensageiro celeste é o único ser, nesta cosmogonia, que ouviu a voz de Deus que lhe falou, e que profetiza acontecimentos futuros, isto é, o nascimento do Redentor desta criação que é o filho espiritual das suas próprias entranhas.

Sob esta óptica, Marânus, na condição de mensageiro celeste, tem, sobre os ombros, a pesada tarefa de preparar a terra para algo de sobrenatural que irá acontecer, sentindo o peso da responsabilidade e, portanto, aumentando a dificuldade em cumprir a sua missão, como Marânus reconhece pela suas próprias palavras:

Eu não alcanço em mim a desejada
E sonhada ventura. E, todavia,
É no meu vulto humano que se forma
A perpétua e impassível alegria!
(PASCOAES 1990a:57).

No entanto, o seu empreendimento continua até alcançar o objectivo proposto que é criar “um novo mundo, além do mundo, ou seja, o despontar de um novo Reino Espiritual “só mais belo e mais perfeito”.

Este novo Reino Espiritual, esta nova criação, já fora pressentido em *Sempre*, quando «dançam ignotas sombras, nas paredes. [...] Ganham formas fantásticas, as cousas» (PASCOAES s/d c:121); porém, este novo Reino manifesta-se, ainda que de forma alegórica, na ascensão do corpo a espírito, em *As Sombras*:

Olha, contempla o espírito soturno
E original; contempla a Sombra enorme
Que, de alto a baixo, se rasgou, tal como
Os negros véus do templo.
E dessa informe,
Estranha sombra cósmica saiu
Claridade espectral, quase invisível;
Um desmaio que, pouco a pouco, abriu
Seus olhos num olhar de Nebulosa.

E logo a etérea Névoa desejou
Ser uma estrela a desfazer-se em luz.
E a estrela ardente quis ser mundo gélido,
Regado com o sangue de Jesus...

Então, a clara estrela arrefecida,
Sob os beijos da aurora que a fecundam,
Mudou-se em tenra planta enverdecida,
Que depois se tornou, por um milagre,
Criadora também...

E as aves voam
No céu; e pelas selvas, que estremecem,
Sinistros animais, ainda indecisos
E grandes como sombras, aparecem...

O sol, em fúria e raiva, neles arde...
São deuses monstruosos, sanguinários,
Que vão criar o homem que, mais tarde,
Será Buda e Jesus...

Estes dois Santos
Deram, por sua vez, divina origem
A Deus, o Ser perfeito e sempiterno;
A Vida Espiritual, mais alta e virgem,
Que todos nós sonhamos, sobre a terra.
(PASCOAES s/d a): 49-50)

No entanto, é em *Marânus* que esta revelação é mais marcante, pois, ao fazer deste inefável Reino Espiritual o éden puro e virgem, a natureza foi a primeira a ter conhecimento da previsão deste facto, não fosse ela a *mãe biológica* da Saudade, mãe do novo Deus que está para nascer.

A satisfação, por esta ocorrência, manifesta-se em Outono que, apesar de ser a imagem triste da natureza, ficou radiante, dizendo para Marânus: «Ó bom amigo, / Amante destes sítios desolados, / Quero-te ouvir» (PASCOAES 1990a:62).

O silêncio, a solidão e a escuridão, por outras palavras, a noite faz com que o pensamento seja mais nítido, quando o nevoeiro “povoa de espectros a paisagem”, portanto, o Outono, como “primeiro sono”, adormeceu todo o universo num sono alegre e tranquilo, visto que o «adormecer do corpo é o despertar / Do nosso ser oculto e transcendente» (PASCOAES 1990a:65).

Seguidamente, e enquanto propagava a notícia da vinda do novo Messias à paisagem montanhosa da serra do Marão, eis que surge a figura de Apolo, erguida sobre um rochedo de granito, que tocava, magistralmente, a eterna lira.

A alegria de Marânus era partilhada pela mãe natureza, por isso, não admira que o magistral som da lira apolínea acordasse os Faunos, as Ninfas, Diana, o Touro alado, Baco e Hércules.

Neste espaço de tempo que Marânus, maravilhado, observava, atentamente, a multidão destes deuses pagãos, aparece, celestialmente, a “imagem de Jesus, na solidão!”, logo após a ressurreição já que conservava no «linho da túnica / Nódos de pó, vestígios tumulares» (PASCOAES 1990a:73), desejando olvidar, para sempre, essa “tragédia horrível do Calvário”, aliando-se aos deuses pagãos para completar, de maneira perfeita, a terceira cosmogonia:

Na vossa companhia, ó sempiternas
Divindades do Amor e da Beleza,
Serei o Deus do Espírito, elevando
As almas para além da Natureza.
(PASCOAES 1990a:74).

Assim, a fusão, testemunhada pelo enorme contentamento da paisagem, do cristianismo (também apoiado por Apolo⁵) com o paganismo (igualmente partilhado por Jesus Cristo⁶), originará a Saudade⁷, mãe do novo Deus, salvador da raça lusitana.

Poderemos concluir que Marânus, como mensageiro celeste, mais não faz do que prognosticar aquilo que Teixeira de Pascoaes idealizara: a fusão do cristianismo com o paganismo, de modo a criar uma «igreja lusitana autónoma, adequada à natureza particular da religiosidade portuguesa que, por saudosa, seria ao mesmo tempo pagã e cristã, visto a saudade conter um elemento cristão - a lembrança - e um elemento pagão - o desejo» (PASCOAES 1988: 47).

Referências bibliográficas

CARVALHAL, Maria do (1977): *Pascoaes*. Braga: Pax.

COSTA, Dalila Pereira da (1980): «Três Ensaios sobre 'Marânus'», in *Nova Renascença*, Porto, nº 1, Outono, pp. 32-48.

FRANCO, António Cândido (1992): *Eleonor na Serra de Pascoaes*. Lisboa: Átrio.

GARCIA, Mário (1976): *Teixeira de Pascoaes: Contribuição para o Estudo da sua Personalidade e para a Leitura Crítica da sua Obra* (tese de doutoramento). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.

⁵ «Pelas formas do teu rosto, / Vejo que és Deus também. [...] O meu sonho perfeito é comungar / Teu ser espiritual...» (PASCOAES 1990a: 73 e 75).

⁶ «Também meu Verbo eterno há-de encarnar / Nesse teu belo corpo» (PASCOAES 1990a:75).

⁷ «Quando digo Saudade, digo alma portuguesa. Nascendo ela do Desejo carnal ou pagão com a Dor espiritual ou cristã. [...] Ampliada à Natureza, a Saudade é a própria alma universal, onde se realiza a unidade de tudo quanto existe» (PASCOAES 1988: 47).

MESQUITA, Armindo (1996): *Simbolismo e Espiritualidade na Poesia de Teixeira de Pascoaes* (tese de doutoramento, edição policopiada). Salamanca: Universidad de Salamanca.

_____ (1998): *A paisagem Natal no 'Sempre' de Pascoaes*. Vila Real: UTAD, Delegação Regional da Cultura do Norte e Câmara Municipal de Amarante.

_____ (2001): *Espiritualidade Poética de Teixeira de Pascoaes*. Guimarães: Edições Cidade Berço.

PASCOAES, Teixeira de (1954): *A Minha Cartilha*. Figueira da Foz: Tipografia Cruz e Cardoso, Lda.

_____ (1988): *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim.

_____ (1990): *Marânus*. Lisboa: Assírio & Alvim.

_____ (1990b): *Arte de Ser Português*. Lisboa: Assírio & Alvim.

_____ (s/d a): *As Sombras*. Lisboa: Bertrand.

_____ (s/d b): *Para a Luz*. Lisboa: Bertrand.

_____ (s/d c): *Sempre*. Lisboa: Bertrand.

SÁ, Maria das Graças Moreira de (1992): *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de (1971) *Olhando para Trás Vejo Pascoaes*. Lisboa: Livraria Portugal.

VASCONCELOS, Maria José Teixeira de (1993): *Na Sombra de Pascoaes*. Lisboa: Vega.